

Ricardo Guilherme Dicke e o processo de transculturação na literatura

Adriana Lins Precioso¹

Iouchabel Sarratchara de Fátima Falcão²

O trânsito entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1960 foi marcado por publicações britânicas que são consideradas as iniciadoras das pesquisas e discussões acerca dos estudos culturais.³

Três textos que surgiram no final dos anos 50 são identificados como as fontes dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). O primeiro é em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a “cultura comum ou ordinária” pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular – a história “dos de baixo” (Escosteguy, 2006, p. 1-2).

É notável que as publicações, com o avançar do tempo, apresentem uma descentralização da palavra “cultura”, marcando-a com qualificativos como “comum”, “ordinária” e “dos de baixo”. Esse movimento, ao dar espaço às margens, se desloca para a periferia e multiplica o olhar junto às manifestações culturais variadas, fomentando as primeiras discussões sobre o processo de construção da identidade em tempos ditos pós-modernos ou provenientes de uma modernidade tardia.

Apesar da trilogia formada por Hoggart, Williams e Thompson não ser considerada uma unanimidade, Hall (apud Escosteguy, 2006, p. 2) salienta

¹ Doutora em letras e professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, MT Brasil. E-mail: adrianaprecioso@uol.com.br

² Graduada em letras pela UNEMAT, Sinop, MT, Brasil. Participante do Grupo de Pesquisa Estudos Comparativos da Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas (CNPq). E-mail: iouchabel@gmail.com

³ Resultado final do projeto “Multiculturalismo nas poéticas contemporâneas: tendências identitárias e transculturalidade em Mato Grosso”, fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT) e desenvolvido em 2013.

que esses textos foram “focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões”. O final dos anos 1960 foi fortemente marcado por transformações decisivas e profícuas não apenas na sociedade britânica mas também em toda a sociedade ocidental. A perspectiva histórica mostra uma grande movimentação proletária, lutas de estudantes, afirmações das diferenças, invocação de um espaço reconhecido na sociedade pelos marginalizados. Assim, fruto das pressões desse tempo e dessa sociedade, Stuart Hall, embora não figure junto ao trio dito fundador, ocupa lugar de destaque na formação dos estudos culturais britânicos e tornou-se uma unanimidade.

Avalia-se que ao substituir Hoggart na direção do Centro, de 1968 a 1979, incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de “aglutinador” em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um “catalizador” de inúmeros projetos coletivos (Escosteguy, 2006, p. 3).

Stuart Hall e suas pesquisas sobre identidade e diferença, baseadas nas variadas nacionalidades que ocupam um mesmo território, consolidam as propostas de cunho teórico-políticas que desestabilizam a narrativa centrada na Inglaterra. Os registros das expressões culturais foram descentralizados dos espaços eruditos e ganharam as margens da periferia e do marginal. Essa descentralização chega ao campo teórico e à América Latina, e o escritor passa a se colocar como sujeito pós-colonizado, apropriando-se do discurso que o define como fruto de um hibridismo cultural forte e relevante. Hall (2006, p. 7) parte da premissa de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”.

Assim, empregar os estudos culturais como método de análise literária implica desenvolver uma rota entre as diversas direções que se estendem ao longo do trajeto, devido à interdisciplinaridade que embasa o diálogo entre o texto ficcional e a realidade coletiva e individual vivida pelo autor, o qual adiciona à sua composição formas ideológicas, posicionamentos e implicações autênticas que se manifestam em suas produções artísticas multifacetadas.

Durante esse percurso, a construção narrativa é tomada enquanto objeto de onde se retiram os elementos que evidenciam aspectos importantes do meio social e da ação do sujeito perante as transformações que ele vivencia, como explica Richard Johnson (2000, p. 75): “O texto não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna possíveis.”

A literatura contemporânea latino-americana, conforme afirma Ángel Rama (2001), se assume, diante da unificação entre o conteúdo, ou seja, os eventos exteriores que influenciam no processo de composição, e a forma estética, como um instrumento de denúncia e reflexão diante das alterações modernizantes, criando espaços em que a visão local toma dimensões universais de questionamento ao sistema unificador ambicionado pela mundialização.

Mediante as constantes mudanças que marcam a evolução do período industrial, da época moderna e da contemporaneidade, considerando-se a invasão do capital, as narrativas que cultivam as formas subjetivas, efetivas e possíveis, citadas por Johnson, usam o choque cultural como semente no vasto campo das diversidades, no qual os conflitos se desencadeiam em reflexões sobre o processo de colonização e de sua imposição de valores, e onde também nascem os questionamentos filosóficos e a expressão de uma identidade cada vez mais individual e fragmentada.

Por identidade individual consideram-se, aqui, alguns apontamentos de Stuart Hall (2006) sobre os processos de construção identitária. O autor usa das observações de Raymond Williams para pontuar o que apresenta como uma nova forma de individualismo, surgida na época moderna, que distingue o sujeito como “indivisível”, ou seja, “uma entidade que é unificada no interior e não pode ser dividida além disso; por outro lado, é também uma entidade que é ‘singular, distinta, única’” (Hall, 2006, p. 25). Influenciada pelo processo globalizante, essas identidades sofrem descentramentos, que produzem “novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (Hall, 2006, p. 87) e, assim, fragmentadas quando passam por constantes processos de descontinuidades.

No campo artístico, o registro da identidade individualizada se destaca, dentre muitos de seus aspectos, pelo deslocamento do coletivo

e pelas formas de posicionamento assumidas pelos artistas no seu caráter de expressão, como os elementos de representação escolhidos. Na literatura, mais especificamente no campo de análise escolhido para este estudo, esse posicionamento é expresso através da análise dos componentes narrativos, da maneira como eles são construídos, explorando a visão do espaço e das relações pelo ponto de vista dos personagens que se caracterizam pelos conflitos e questionamentos sobre sua própria identidade diante da pluralidade na qual convive.

Os escritores contemporâneos, frutos de um histórico de colonização que se deu através da expansão territorial e da imposição cultural europeia e que participam da *recolonização* atual feita pela imposição da indústria cultural e pelo sistema capitalista (Bosi, 2010), são desafiados a construir estruturas próprias de subversão como forma de defesa da cultura híbrida que os define e que não pode ser esquecida, visto que é do seu passado que se toma o impulso necessário para os questionamentos atuais e que vão além dos conceitos antropológicos e sociológicos. Ou seja, cabe à literatura abarcar “os elementos contrários cujas energias buscam canalizar harmonicamente, [e que] resgatam o passado e apostam em um futuro que acelere a expansão da nova cultura, autêntica e integradora” quando esta associa, através de contribuições estéticas, o universo original da cultura com as novas etapas de evolução (Rama, 2001, p. 238).

Na formação constitutiva local, o estado de Mato Grosso possui uma longa trajetória de exploração territorial. Houve, contudo, uma invasão tardia, porém agressiva do processo modernizador, que capitalizou os recursos naturais da região para a expansão do comércio agropecuário do país, em um movimento tão rápido e devastador que cobriu os séculos de exploração garimpeira e indígena com o discurso do progresso. Com isso, diversificou-se ainda mais a cultura da região, que, além da miscigenação ocorrida no primeiro período da colonização, sofreu os impactos das outras culturas também envolvidas em um processo híbrido, o que resultou no espaço multicultural que caracteriza o estado. Por hibridismo, entende-se o que Néstor García Canclini (2011, p. XIX) define por “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

É nesse espaço que se consolida a literatura contemporânea produzida em Mato Grosso, também ela múltipla e imersa em múltiplas

culturas, nas quais o homem expressa sua visão do mundo, assim como questiona e adapta os valores estéticos impostos às cores locais, produzindo narrativas autênticas, que resultam em análises das diferentes relações culturais que as definem.

Marcado pela diversidade, o cenário mato-grossense é retratado na narrativa do escritor contemporâneo Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008), que se apropria dos elementos locais para retratar o processo de transformação do estado, usando a visão individualizada do homem interiorano, ou seja, inserida no coletivo, porém projetada pelo posicionamento do sujeito diante dos processos de transformação, em textos nos quais o local e o universal dialogam. O autor utiliza vários componentes que buscam equilibrar a visão do homem, seus aspectos sociais e filosóficos, com a destreza literária, aplicando técnicas como o fluxo de consciência, intertextos e elementos fantásticos, que evidenciam a importância de suas obras na representação da literatura produzida em Mato Grosso.

Em consonância com as tendências do Pós-Modernismo, Ricardo Guilherme Dicke trabalha conteúdos arquetípicos, resgatando toda a trajetória da humanidade e questionando a existência humana. Seus romances, embora pouco conhecidos, mesmo em Mato Grosso, são, na verdade, uma grande contribuição não apenas regional, mas também nacional (Magalhães, 2001, p. 220).

O tempo metafísico, a natureza povoada ora por anjos ora por demônios, personagens e narradores que se misturam e se perdem em frases longas dão o tom poético da narrativa dickeana.

Na busca pela compilação dos pontos comuns presentes em sua obra e que estabelecem os seus créditos de qualidade e autenticidade, optou-se pelo percurso por cinco de seus contos: “Toada do Esquecido” e “Sinfonia equestre”, da obra *Toada do Esquecido & Sinfonia equestre* (2006); “A proximidade do mar”, do livro homônimo (2011a); “O Velho Moço” e “A perseguição”, que estão em *O Velho Moço e outros contos* (2011b). Juntos, esses contos permitem localizar as estruturas consoantes aos valores instituídos pelos estudos culturais, as particularidades do escritor, as marcas da irrupção da modernidade e o posicionamento do sujeito diante do trânsito cultural que colore o ambiente mato-grossense. Como rota direcionadora, optou-se pelo caminho construído por Ángel Rama (2001) ao valer-se da transculturação como abordagem literária.

Em seus estudos, Rama parte do conceito definido por Fernando Ortiz quando este se utiliza da visão do cenário cultural colonizado enquanto processo de constantes mudanças por caminhos diversos, que se constitui através do trânsito por diferentes culturas, construindo aspectos múltiplos que ultrapassam a ação única de *aculturação* (quando se adquire uma nova cultura), passando por uma perda parcial de sua cultura original (*desaculturação*), criando assim novos fenômenos que resultam no que Ortiz chama de *neoculturação* (Rama, 2001, p. 259).

Na literatura, considera-se o que Rama chama de “capacidade seletiva” da função criadora, em que as ações de “perdas, seleções, redescobertas e incorporações” definem um perfil de composição narrativa que agrega aos escritores recursos de autenticidade e produção mediante o quadro cultural multiforme no qual estão inseridos. Sendo assim, no processo transculturador,

que pode proporcionar a redescoberta de valores muito primitivos, quase esquecidos dentro do sistema cultural próprio, a tarefa seletiva é posta em prática acima da tradição. É de fato uma busca de valores resistentes, capazes de enfrentar as deteriorações da transculturação, razão pela qual também pode ser vista como uma tarefa inventiva, como uma parte da *neoculturação* de que fala Fernando Ortiz, trabalhando simultaneamente com as duas fontes culturais postas em contato (Rama, 2001, p. 265, grifo do autor).

Filho de pai alemão que se estabilizou em Chapada dos Guimarães na época de exploração do garimpo, Ricardo Guilherme Dicke retrata em suas composições um universo lúdico e mítico criado em espaços onde o cotidiano e os conflitos sociais são expressos através de uma visão individualizada. Na sua narrativa é visível a articulação entre o reflexo de uma realidade local e o lugar que Dicke ocupa enquanto escritor, o que confere ao autor os poderes de “agente transculturador”, pois este usa dos elementos que o cercam e efetua uma leitura própria e única, porém imersa nas diversidades culturais que a definem, tal como observa Scarpelli (2003, p. 53) diante da definição de Rama:

Ángel Rama defende que o papel de escritores “transculturadores” é decisivo para a reflexão desenvolvida por eles sobre sua própria cultura de origem. Eles teriam em comum a experiência de trânsito entre suas respectivas regiões e um grande centro urbano. Não obstante terem vivido em um período

decisivo da infância e adolescência nas próprias regiões, mais tarde se mudam para grandes centros urbanos, aos quais passam a integrar-se. Desse modo, puderam absorver novas influências, sem contudo perder as marcas profundas de sua cultura regional.

Isolando alguns elementos dos contos tomados como objeto, o que, à primeira vista, se apresenta em evidência é a apropriação do cenário típico mato-grossense para criação dos ambientes que compõem as tramas. Nesse aspecto, o regional é destacado através da passagem entre um passado nostálgico e a frieza concreta do presente, entre o rural e o urbano, conforme o excerto a seguir, do conto “O Velho Moço”:

Meu pai vendeu o quintal, que dava para a rua Getúlio Vargas. Em seu lugar, construíram um prédio, o hotel Atalaia. Enorme. Sem dó de mim, que brincava nele quando tinha dez anos. Antes de levantarem o edifício, havia um cano que me cabia em pé dentro dele, de onde vazava sempre água. Por ali, nasciam mamonas. E eu, pensando ser um general, cortava com o facão, num golpe só, os frutos espinhudos dos mamoneiros, como se estivesse em guerra. Por cima do grande cano branco passava a rua sempre enlameada, com lagoas e lamas em todo seu itinerário. Gente e carro passavam por ali, uma estrada entre os mamonais. Lá dentro, cobras e sapos. E uma meia escuridão enchia aquele cano enorme (Dicke, 2011b, p. 18-19).

Sob o mesmo processo nostálgico de transição, o cenário também se constitui pela atmosfera da denúncia, como é relatado no conto “Toada do Esquecido”, no qual fugitivos do garimpo do Esquecido, à beira do rio Madeira, no Guaporé, percorrem uma estrada solitária, com destino a Vila Bela:

Os três deitam-se no chão sob as ramadas do cumbaru caído que projeta suas sombras sobre eles. Ao longe, os horizontes carbonizados parecem lançar um infinito uivo circular de imenso calor, horrídeo e seco, abandonada boca que guaia e se ri de tudo zombeteiramente. Nenhuma árvore em todo o perímetro até a boca dos horizontes que uivam. Eles ouvem esse uivo e se calam no seu coração. Tudo queimado. Têm medo não desta terra queimada, mas dos homens que a queimaram, que levaram sua madeira para ninguém sabe onde, que assassinaram esta terra órfã de tudo (Dicke, 2006, p. 18).

Os demais ambientes narrativos são construídos por peculiaridades semelhantes: partem de particularidades locais, como os nomes das

idades e dos logradouros que correspondem à realidade; sugerem processos de transformações relevantes para uma análise direta da situação do estado, como a expansão urbana e as queimadas; conotam um espaço de conflito onde os personagens buscam, nas lembranças do passado, um conforto para o sentimento de desolação, causado, entre outras coisas, por paisagens incômodas, nas quais a maioria das cenas se constitui, a citar como exemplo, o horizonte onde os fugitivos de “Toado do Esquecido” se escondem sob as ramagens da árvore cumbaru e o cano onde Blanziflor, personagem de “O Velho Moço”, brincava quando menino.

A junção desses elementos indica, em seus personagens, uma constante busca por refúgio, sempre construída no limiar entre o aberto e o fechado, o coberto e o descoberto e que permite a entrada para um novo ambiente, também presente na narrativa dickeana, que é o espaço lúdico da imaginação, conforme ilustra o trecho de “A proximidade do mar”:

Agora, estava ali, no meio da noite, com desejos agudos de ver o mar. Como uma proximidade profunda, o mar. Debaixo de si, dos lados, de todos os horizontes, a memória arcaica do mar porejando, que todas as memórias dos homens já viram anteriormente, quando todos eram irmãos. Proximidade de algo físico, material, imenso. Mas o mar não estava tão longe? Sim, mas, de tanto conviver com a ideia dele, este já lhe parecia estar tão perto que podia ouvir suas ondas batendo nas praias, socando como pilões ancestrais, milenares, ecos batendo nos socavões do silêncio, bramando nas pedras, um apelo anterior a tudo, desde as idades primevas (Dicke, 2011a, p. 12-13).

O mundo de imagens se edifica paralelamente ao espaço real, entrecruzando-se com o tempo da narrativa, que constrói uma linha horizontal no percurso do texto, compondo uma estrutura complexa em que o passado e o presente da enunciação se igualam e se completam, tal como em “Toada do Esquecido”:

Mundos de lugares sem cerca, somente tocos enegrecidos como tocos de cruces queimadas, que foram árvores algum dia mortas, este vasto cemitério que anda com eles para onde eles vão, que rodopia nos horizontes, vastos campos comburidos, vastos campos martirizados, órfãos de bosques e pássaros e bichos, tudo às vezes gira pelos olhos imensos de quem está cansado de girar

através dos desertos onde rodopiam os vazios horizontes que os seguem e os perseguem (Dicke, 2006, p. 129).

Esse tipo de construção é recorrente em todos os contos aqui estudados e, além de afirmar a autenticidade de Dicke, permite inseri-lo dentro do que Ángel Rama (2001) define por *impulsos modeladores*, que destacam a *independência*, a *originalidade* e a *representatividade* dos autores latino-americanos durante os movimentos que se expandiram desde as vanguardas até a contemporaneidade. Impulsionados pela resistência da cultura local em contraponto à imposição dos modelos europeus, os escritores retratam a realidade através de uma composição antropofágica própria, que permite o uso da literatura como forma de historicizar a cultura por pontos de vista diversos.

Na composição dickeana, a teia construída pelos espaços reais e imaginários descritos é exemplo da *estruturação literária* também usada pelos escritores no processo de representação, em que “dotaram-se de uma destreza imaginativa, uma percepção inquieta da realidade e uma impregnação emocional muito maiores, embora também tenham lhe imprimido uma visão de mundo fragmentada” (Rama, 2001, p. 269). Além dos recursos empregados na descrição dos espaços, destacam-se também outros na produção de Dicke, como os elementos relevantes presentes na literatura moderna e absorvidos pelos agentes transculturadores na miscelânea de suas produções. Há as formas espontâneas de narração, o monólogo interior e o fluxo de consciência, conforme exemplifica o excerto retirado de “Toada do Esquecido”:

D’Après le Grand Guignol: cheio de dedos de náuseas de vergonha de dor de raiva de tédio de repulsão de hidrofobia de salamaleques e de respeitosos ademãs de piedosas e reverendíssimas licenças de preciosíssimas escusas e de excelentíssimas desculpas a gente vomita na cara dos comendadores dos marechais dos belicistas dos secretários dos deputados dos financistas dos arcebispos dos grandes comerciantes dos fabricantes de bombas dos senadores dos empresários dos banqueiros dos psiquiatras dos comissários dos mandarins dos delegados dos governantes dos presidentes dos diretores de ópera dos ministros dos embaixadores dos industriais dos catedráticos dos almirantes dos juizes dos cientistas dos executivos dos arcebiagos dos traficantes dos *bons-*

vivants vomita, vomita, vomita até os últimos momentos (Dicke, 2006, p. 66-67).

Concomitante a essa ação mergulhada no universo narrativo entre a memória e o devaneio, observa-se também a expressão da língua, imprimido no texto o timbre local de maneira direta, como nos trechos: “nem alto nem baixo, *bambolês* nos pés” (Dicke, 2011b, p. 13, grifo do autor); e “Nunca ouvira falar, mas *era bem capaz*, numa hora dessas” (Dicke, 2011a, p. 37, grifo nosso). Dicke também recorre à citação direta de costumes e alimentos regionais, como em “Falavam e bebiam *licor de pequi*, hauriam o frescor da noite” (Dicke, 2006, p. 149, grifo nosso). As alterações de vocábulos e de classes gramaticais, como em “todo tempo possível é tempo perdido para sempre e nunca mais de *nuncas* de nem jamais para sempre e *sempiternamente* eternidades que nos perseguem” (Dicke, 2006, p. 100, grifo nosso), assemelham a produção de Dicke à de Guimarães Rosa.

A expressão cultural através da língua estabelece para a produção literária o critério de *representatividade* própria:

Nesse nível, a contribuição original dos transculturadores consiste na unificação linguística do texto literário, respondendo aos princípios da unificação artística, mas utilizando, em substituição a uma língua literária composta e aprendida, a sua própria [...] é a partir de seu sistema linguístico que trabalha o escritor que não procura imitar de fora uma fala regional, mas sim elaborá-la de dentro com finalidades literárias (Rama, 2001, p. 220).

Partindo dos requisitos de *contribuição original* e de *unificação artística* da linguagem literária com a língua própria do autor, é evidente nos textos de Dicke a articulação entre a simplicidade e a erudição; caminham juntas e harmonicamente, nas vozes dos narradores e dos personagens, através das expressões linguísticas, tanto as que representam localidades quanto as ligadas ao uso de expressões estrangeiras, como o francês, o inglês, o espanhol, o grego e o latim, que atribuem requinte à elaboração de sua produção, por meio do ajuste de códigos linguísticos diversos: “O mar é como se fosse uma mulher, Beldroaldo. Apesar de que, nesta língua, ele é masculino; em muitas outras, é feminino. Em espanhol, se diz *el mar* ou *la mar* e, em francês, é *la mer*. *Anamessa tris thalasses*” (Dicke, 2011a, p. 13).

Ainda considerando as categorias elencadas por Rama, aqui aplicadas à produção dickeana, a presença diáfana do resgate mítico,

incorporada ao ambiente regional, relaciona-se aos níveis significativos da *cosmovisão*, que abrangem, dentro dos temas das produções contemporâneas, as narrativas fantásticas, de significância plural e ambígua, movimento que “restabelece um contato fecundo com as fontes vivas da invenção mítica, inextinguíveis em todas as sociedades humanas” (Rama, 2001, p. 277).

Dos contos analisados, todos apresentam enredos fluentes de fontes míticas e de proporção universal, múltiplos na composição de cada trama em que o mito atua reconstruído dentro do cenário matogrossense, por questões visivelmente ligadas à visão de mundo do homem urbano em contato com as influências da modernidade. Os mitos mais frequentes são de origem judaico-cristã, passando pelos greco-romanos e pelos nórdicos, que imprimem não apenas marcas de representação como verdadeiras releituras, sempre com o tom nostálgico de resgate dos primórdios.

Em uma breve descrição, pode-se evidenciar: o passeio homérico de Beldroaldo por oceanos desconhecidos, porém construídos e reconstruídos em sua imaginação pelo desejo perturbador de conhecer o mar em “A proximidade do mar”; os anseios apocalípticos do profeta Blanziflor projetados pela crença diluvial na destruição para reconstrução e reajuste do caos em “O Velho Moço”; o sentimento constante de uma invasão intransigente do Diabo – Demônio, Satanás, Coisa Ruim e tantas outras denominações presentes no texto – no pensamento do narrador sem nome do conto claramente autobiográfico “A perseguição”, que cria uma atmosfera de luta contra a tentação; na construção do deserto comburido em “Toada do Esquecido”, em que personagens, fugidos de um grande roubo de ouro de uma festa de carnaval, mascarados de forma simbólica (La Muerte, El Diablo, Deus das Moscas, O Cavaleiro), descrevem um percurso sustentado pela crença utópica na ascensão pelo furto heroico, narrativa que conta com a representação simbólica de alguns animais, como o cão e o porco; e, por último, em “Sinfonia equestre”, a citação direta dos quatro cavaleiros do apocalipse, configurados em personagens construídos por características dos povos nórdicos e pela presença de elementos da mitologia greco-romana, como os centauros, e a relação narcísica de Janis e Jan:

Se entendiam, Jan e Janis. E se entendiam mais nos olhos, quase sem palavras, nem vozes. E viam-se almas puras, nas profundezas

dos abismos dos espelhos do coração. As flores nos vasos eclodiam em tufos, vermelhas, azuis, amarelas, brancas, alaranjadas e caíam sobre o corpo nu, de bruços, de Jan, cujas lágrimas se misturavam com as gotas de águas da chuva (Dicke, 2006, p. 166).

Associadas aos elementos do espaço de onde emerge a criação do autor, as releituras citadas são edificadas sobre temas como a expansão urbana, a imposição capitalista, a consciência ambiental e conflitos entre produtores rurais, o que, com a análise do contexto histórico, revela um posicionamento do homem mato-grossense, representado pelos personagens, perante a invasão da “modernidade”. Quanto a esses entremeios, Ángel Rama (2001, p. 224) comenta que

mais importante ainda que a recuperação de elementos em estado de incessante emergência é a descoberta dos mecanismos mentais geradores do mito, o retorno a essa camada aparentemente sepultada, mas de enorme potencialidade, na qual se desenvolvem as ações míticas. Os narradores dessa linha reconhecerão e aceitarão as redes análogas com que tecem os mitos, recuperarão as percepções sensíveis sobre os objetos e suas relações associativas, que lhes dão base, transportarão os enfoques culturais à realidade para poder vê-la por meio da elaboração mítica, tornando sua novamente a “ciência mítica”.

Além dos elementos locais que pintam as narrativas de Dicke com o tom mato-grossense necessário para uma representatividade eficiente e que moldam o resgate mítico utilizado por ele, os textos aqui estudados apresentam também características que singularizam sua produção e que auxiliam na construção de uma identidade literária própria do autor. Em sua maioria, esses elementos carregam consigo uma carga simbólica significativa e expansiva, passíveis de diversas leituras proporcionadas pela estrutura hermética que os consolidam. Como exemplo, podem ser citados: alguns componentes que constroem a maioria dos espaços narrativos, como a noite e seus integrantes (lua, estrelas); o horizonte e as estradas; alguns animais em comum que estão sempre aliados aos personagens, entre eles o cão, o cavalo e pássaros de hábitos noturnos, como a coruja; temas recorrentes como a morte, o sonho, a solidão, as intermitências do tempo e a eternidade; o dinheiro, a aquisição e a perda de bens, relações e conflitos familiares; a presença marcante da intertextualidade com a literatura e outras artes, como o cinema, a música e as artes plásticas, visível em citações diretas das

obras e dos artistas; e alguns objetos que intermedeiam todas essas relações na maioria dos contos, como rádios, relógios, livros, quadros e cadeiras.

O modo como todos eles se articulam e as densas conexões que os relacionam dão ênfase à musicalidade e ao ritmo narrativo que emolduram os textos e atribuem um senso estético singular às obras estudadas, como em “Sinfonia equestre”, cujo primeiro parágrafo apresenta esta imagem: “Um cavalo corre em círculos por um pátio verde” (Dicke, 2006, p. 135). E essa sensação de movimento, causada pela circularidade da ação do cavalo, se estende pelo decorrer da narrativa até o seu desfecho, no qual a morte, simbolicamente anunciada pelo psicopompo, permeando o texto, é colorida por uma sinestesia mística de cores, sons e sensações táteis:

As lágrimas são o pasto dos deuses. Há lágrimas doces como o mel. Foi quando ouviu o relinchar agudo de um cavalo, forte como o som do bronze: ergueu-se e viu pelo arco da porta que dava para os campos: o cavalo melhor e mais belo que se erguia nas patas traseiras e relinchava no meio da chuva. Correu até ele e montou-o em pelo. Trotou pelo prado, nus, cavalo e homem. Por um momento ele pensou que poderia existir no mundo algo assim como uma Sinfonia Equestre: mistura de animais de pedra com notas musicais ou talvez sangue vivo [...]. O cavalo galopava pelo campo verde. Entardecia e o horizonte era alaranjado e violeta: num instante, caiu do cavalo e ficou sob a chuva com os braços em cruz olhando o céu [...]. E morreu (Dicke, 2006, p. 166-167).

A análise dos elementos de construção narrativa, através das incidências comuns, evidencia outros aspectos recorrentes que possibilitam uma interpretação do posicionamento do sujeito, em especial do homem mato-grossense, retratado pelos personagens dickeanos. Destaca-se, aqui, a visão de mundo do homem durante o processo modernizante, em que conflitos sociais influenciam diretamente na construção identitária do homem moderno, sempre múltipla e fragmentada.

Os personagens dos contos têm por composição características do homem comum (o vestuário, a rotina, a alimentação) perante a multiplicidade do cenário local, em processo ou transformado pela invasão modernizante, porém carregam consigo uma erudição singular, evidenciada por um conhecimento que se contrapõe à expectativa inicial

pressuposta. Essa dicotomia se apresenta, por exemplo: nas figuras dos garimpeiros fugitivos que se encontram, no presente da narrativa, muito ricos, em “Toada do Esquecido”; na imagem do homem em trânsito entre o rural e o urbano, que presta favores ao sogro, no sítio, mas que passeia pelos mares do mundo ao som da música clássica do radinho da fazenda, em “A proximidade do mar”; e no profeta desempregado de meia-idade, que também é poeta e conhecedor do cânone literário, em “O Velho Moço”:

Mas o que ninguém sabe é que sou um novo Zaratustra. Tal e qual *Assim falava Zaratustra*, que o irmão Nietzsche, esse grande sacerdote das novas religiões, profetizou; Dostoiévski também profetizou sobre mim, o divino Tolstói. [...] Meu Deus é o Deus esotérico que virá. Madame Blavatsky também profetizou sobre Ele (Dicke, 2011b, p. 21).

Embora eles se universalizem por essa descrição abrangente de diferentes lugares do mundo, a característica que mais se evidencia nos personagens dickeanos é a sua individualidade. Eles estão fechados em seus silêncios, pensamentos e reflexões e pouco desenvolvem relações; porém, em seus espaços imaginários, sempre refletem a respeito de situações sociais, como política e meio ambiente: “Será que o governador Maggi já ouviu falar no efeito estufa que aumenta o grau de calor nas geleiras e nos mares? Ele, que é o maior plantador de soja do planeta e o maior desmatador do mundo?” (Dicke, 2011b, p. 134).

Stuart Hall (2006, p. 32), em seus estudos sobre identidade, afirma que movimentos como o modernismo, surgidos na primeira metade do século XX, retrataram um quadro perturbador do sujeito e da identidade, em que se destaca “a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado colocado contra o pano de fundo do mundo ou da metrópole anônima e impessoal”. Muito embora exista uma discrepância entre as datas, considera-se aqui a invasão tardia e expressiva da modernidade que marcou o estado de Mato Grosso, chamada de “colonização”. Os anos 1960 deram início a uma marcha incentivada pelo governo federal para a povoação do interior do estado. Esse é o período de maior representação na escritura de Dicke; mesmo na contemporaneidade, ele volta, rememorando fatos e acontecimentos históricos que consolidam a formação cultural de Mato Grosso. A migração dos donos de terras do sul e a mão de obra vinda do nordeste assinalam o trânsito que cria a

diversidade cultural estampada no estado. Seus personagens são tangenciados por essas influências culturais bem marcadas.

Isolado, exilado e alienado são adjetivos que bem representam os protagonistas dickeanos, os quais, apesar de todo conhecimento que assinala suas personalidades, apresentam sempre um sentimento de impotência diante do novo mundo que se edifica ao seu redor. Esse novo mundo possui marcas autênticas da globalização na narrativa, como a expansão urbana, os automóveis, a televisão e o acesso ilimitado à música e a outros lugares do mundo, proporcionado pelo rádio, em “A proximidade do mar”:

Ficou ouvindo a música até que terminou. *Due Gatti*, de Rossini. Depois o locutor ficou narrando embevecido uma interminável parada militar [...]. Após música tão bela, arengas de generais, coisas tão díspares quanto chumbo e flores. [...] Mas nossa forra contra os tagarelas instauradores da mais medíocre banalidade, os palradores politíqueiros, está ao alcance de nossa mão: é só mover o *dial*. Nossas opções são o mundo inteiro (Dicke, 2011a, p. 20).

Quanto ao campo de dualidade que se consolida na literatura de Dicke, o individual e o global é a forma abstrata que representa o desejo dos personagens. Dentro dos impulsos modernizantes, a possibilidade ilusória do alcance de tudo – as viagens, a aquisição de artes, a possibilidade financeira de estabilidade – potencializa o sentimento de frustração do nada: o não viajar, a falta de recursos financeiros, a alienação ao sistema capital, a morte. O tudo e o nada são infinitos e circulares na narrativa dickeana.

Outro fator, que indica a impotência dos personagens e também se caracteriza pela modernização, é a política de consumo imposta pelo capitalismo. Hall (2006, p.75) considera:

Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”.

Carregando consigo ilusões propiciadas pelos encantos do consumo, a maioria dos enredos de Dicke sustenta uma história que envolve riqueza, aquisição de bens, dinheiro. E esses elementos são sustentados por ideais construídos somente na imaginação dos personagens, ou seja,

o ato de usufruir, por poder aquisitivo, não é realizado; em quase todas as narrativas, o desfecho é a morte. Isso demonstra parte da fragmentação identitária sofrida pelo homem moderno diante do fardo cardíaco cultural imposto, como em “Toada do Esquecido”:

Ah, este mundo nunca se cansará de guerras e seduções, sempre inventar-se-ão novas formas de guerras e seduções, talvez o melhor seja fugir das cidades para o extremo interior, como queria o profeta Elpenor. A febre grassa nas fodidas cidades, nas malditas Babilônias, a febre do desejo e da consumição (Dicke, 2006, p. 91).

Seduzidos e repelidos, encantados e desiludidos, buscando refúgio no local diante da descoberta invasora dos novos tempos, os personagens são reflexos de dualidades constantes e de identidades fragmentadas, tal como salienta Hall (2009, p. 108):

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

É a representação desse sujeito atual, historicamente marcado pela multiplicidade, que o discurso literário de Dicke apresenta em suas obras. Ricardo Guilherme Dicke desempenha, enquanto artista transculturador, o que Bosi (2010) nomeou como parte da criação de uma “cultura individualizada”, ou seja, aquela que permite ao artista criar e participar da dialética da sua própria cultura e, ao mesmo tempo, da cultura do outro, e é isso que o escritor mato-grossense reflete em suas narrativas. A dualidade, a fragmentação e a frustração dos sonhos e desejos acabam por situar personagens e espaços nos valores individuais e coletivos postos na atualidade.

As artes, a tradição e a erudição convivem harmoniosamente com paisagens do interior de Mato Grosso, espaços de afirmação de uma identidade que é projetada nas expressões linguísticas, na representação dos sujeitos e locais reconhecidos pelos habitantes desse vasto estado. Sendo assim, o regional se afirma e se entrelaça com o universal por meio das outras artes citadas, partícipes da narrativa dickeana.

O arcabouço teórico proposto pelos estudos culturais, por meio da “narrativização do eu”, ou seja, “a representação [que] afeta a forma de como nós podemos representar a nós próprios” (Hall, 2009, p.109), permite a invenção de uma tradição marcada pelas cores locais, em que os sujeitos-leitores se reconhecem. Portanto, a voz de Mato Grosso pode ser ouvida pela produção literária de Dicke e ir além das representações antagônicas atribuídas a essa terra, como “o celeiro do mundo” ou o “maior devastador do universo”. Destarte, o conflito contemporâneo, a força capitalista, a agonia da alma e a interpretação do cotidiano tecem a identidade e a diferença que imprimem a fala interiorana que ocupa o interior do Brasil.

Referências

- BOSI, Alfredo (2010). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CANCLINI, Néstor Garcia (2011). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa e Gênese Andrade. São Paulo: Editora USP.
- DICKE, Ricardo Guilherme (2006). *Toada do Esquecido & Sinfonia equestre*. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral.
- DICKE, Ricardo Guilherme (2011a). *A proximidade do mar & A ilha*. Cuiabá: Carlini & Caniato.
- DICKE, Ricardo Guilherme (2011b). *O Velho Moço e outros contos*. Cuiabá: Carlini & Caniato.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina (2006). Os estudos culturais. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografia, website dos estudos culturais*. Disponível em: <<http://goo.gl/OKGR5M>>. Acesso em: 30 mai. 2014.
- HALL, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, Stuart (2009). Quem precisa da identidade? SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- JOHNSON, Richard (2000). O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra (2001). *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: UNICEN.

RAMA, Ángel (2001). *Literatura e cultura na América Latina*. Organização de Flávio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos. Tradução de Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo: Editora USP.

SCARPELLI, Marli Fantini (2003). Heterogeneidade, transculturação, hibridismo: a terceira margem da cultura latino-americana. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte & Ciência.

Recebido em junho de 2014.

Aprovado em setembro de 2014.

resumo/abstract

Ricardo Guilherme Dicke e o processo de transculturação na literatura

Adriana Lins Precioso

Iouchabel Sarratchara de Fátima Falcão

O artigo apresenta um breve resumo acerca do surgimento dos estudos culturais na Inglaterra, os aportes de Stuart Hall e a apropriação dessas pesquisas pelos estudos literários, principalmente, na América Latina, representada pelas contribuições de Ángel Rama. Para exemplificação dessa proposta, analisam-se recortes dos contos “Toada do Esquecido” (2006), “Sinfonia equestre” (2006), “A proximidade do mar” (2011), “O Velho Moço” (2011) e “A perseguição” (2011) de Ricardo Guilherme Dicke, escritor mato-grossense que promove o diálogo entre as questões regionais e universais pelo viés da transculturação.

Palavras-chave: Ricardo Guilherme Dicke, estudos culturais, identidade e diferença.

Ricardo Guilherme Dicke and the process of transculturation in literature

Adriana Lins Precioso

Iouchabel Sarratchara de Fátima Falcão

The article presents a brief overview of the emergence of the cultural studies in England, the concepts of Stuart Hall and the appropriation of these searches by the literary studies, mainly in Latin America represented through the contributions of Ángel Rama. To exemplify this proposal, we analyze excerpts of the short stories ‘Toada do Esquecido’ (2006), ‘Sinfonia equestre’ (2006), ‘A proximidade do mar’ (2011), ‘O Velho Moço’ (2011) and ‘A perseguição’ (2011), by Ricardo Guilherme Dicke, writer from the state of Mato Grosso, who

promotes the dialogue between regional and global issues by the transculturation bias.

Keywords: Ricardo Guilherme Dicke, cultural studies, identity and difference.